

JUVENTUDES, EDUCAÇÃO E CIDADE: A MEDIAÇÃO DOS DISPOSITIVOS MÓVEIS DE COMUNICAÇÃO NOS PROCESSOS DE APRENDER-ENSINAR

Helenice Mirabelli Cassino Ferreira¹
Dilton Ribeiro Couto Junior²

Resumo: Fruto de pesquisa recentemente concluída, este texto discute a mediação dos dispositivos móveis de comunicação nos processos de aprender-ensinar das juventudes contemporâneas. O trabalho foi desenvolvido através de oficinas realizadas com jovens de uma escola pública localizada na cidade do Rio de Janeiro. A pesquisa dialogou com os estudos da cibercultura, da geografia e das juventudes, com Mikhail Bakhtin se constituindo como principal interlocutor teórico-metodológico. Através de aparelhos celulares do tipo *smartphone*, os jovens elaboraram textos diversos sobre a cidade, escritos com os signos da hipermídia, apontando para o quanto os usos dos dispositivos móveis promovem novas situações de aprendizagem-ensino na interface com a cidade.

Palavras-chave: educação, cidade, juventudes, dispositivos móveis.

Youth, education and the city: the mediation of mobile communication devices in learning-teaching processes

Abstract: As the result of a recently completed research, this paper discusses the mediation of mobile communication devices in the learning-teaching processes of contemporary youth. The work was developed at workshops with young people from a public school located in Rio de Janeiro, Brazil. The theories and methodologies of Mikhail Bakhtin guided the research along with studies on cyberculture, geography and youth. By using smartphones, the young people involved in this work elaborated a myriad of content about the city with the signs of hypermedia, and pointed to how much the uses of mobile devices promote new learning-teaching situations in the interface with the city.

Keywords: education, city, youth, mobile devices.

INTRODUÇÃO

*Quando eu estiver velho, gostaria de ter no corredor da minha casa
Um mapa Pharus de Berlim
Com uma legenda
Pontos azuis designariam as ruas onde morei*

¹ Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

² Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

*Pontos amarelos, os lugares onde moravam minhas namoradas
 Triângulos marrons, os túmulos
 Nos cemitérios de Berlim onde jazem os que foram próximos a mim
 E linhas pretas redesenhariam os caminhos
 No Zoológico ou no Tiergarten
 Que percorri conversando com as garotas
 E flechas de todas as cores apontariam os lugares nos arredores
 Onde deliberava sobre as semanas berlinenses
 E muitos quadrados vermelhos marcariam os aposentos
 Do amor da mais baixa espécie ou do amor mais abrigado do vento.*

Walter Benjamin³

O mapa da memória afetiva traçado por Benjamin traz o sentido de lugar como apropriação dos sujeitos e aponta uma cidade construída pelos lugares marcados e os trajetos que (re)imaginamos. As palavras do autor apontam para o modo como se constroem os lugares na cidade, através dos rastros que vamos deixando e que criam um mapa dos sentidos produzidos. Alan Bourdin (2001) entende que o “local” é o que constrói o vínculo comum entre pessoas e entre elas e o mundo a partir de um território de pertença. Esse espaço de pertença resulta do conjunto de recortes que posiciona o ator social e seu grupo de pertença em um lugar. Bourdin discute o lugar enquanto um espaço fundador, mas observa que “o lugar tem importância, não porque ele seja fundador de alguma coisa (de uma qualidade natural), mas porque ele reúne recursos, atores, saberes” (p. 219). Dessa forma, ainda de acordo com o autor, o local é “fundador da relação com o mundo do indivíduo, mas igualmente da relação com o outro, da construção comum do sentido que faz o vínculo social” (p. 36). Caminhamos com esse pensamento para pensar as construções de sentido compartilhadas entre os sujeitos na cidade.

Estar na cidade, aprender na/com a cidade foi também a experiência compartilhada com os sujeitos durante o desenvolvimento da pesquisa de doutorado⁴, da qual este texto é fruto. Esse estudo buscou conhecer de que modo os usos dos dispositivos móveis e ubíquos podem mediar a superação do desencontro entre as culturas infantis/juvenis e as práticas escolares, entendendo que este desencontro tem se traduzido por tensões e desconforto, tanto por parte de equipes pedagógicas como dos discentes e pais dos alunos. Se o uso de *netbooks*, celulares e *smartphones* traz a possibilidade de acesso contínuo às

³ BENJAMIN, Walter. Fragmento, 1932 apud BOLLE, Willi, 2000.

⁴ A tese em questão é de autoria da primeira autora deste texto.

redes informação, de amigos e de conhecimento compartilhado, a ausência, ou mesmo proibição desses usos na escola, aumenta a distância entre as práticas culturais que acontecem dentro e fora da escola.

O estudo adotou Mikhail Bakhtin como principal interlocutor teórico-metodológico e foi realizado a partir de oficinas, em uma escola da Rede Municipal de Ensino do Rio de Janeiro, com alunos do sétimo ao nono anos do Ensino Fundamental. Foram quatro oficinas oferecidas, com temáticas diferenciadas, cada uma em um semestre. É importante notar que as oficinas se constituíram como disciplinas eletivas (formato que já fazia parte da grade curricular da escola), tendo como coparticipantes professores da escola. O recorte aqui apresentado refere-se à oficina “Cronistas da Cidade”, desenvolvida com jovens estudantes do sétimo ano do Ensino Fundamental em parceria com uma professora de língua portuguesa da escola.

Pensar teórico e metodologicamente o percurso da pesquisa significa nos implicarmos em um compromisso ético que envolve a relação estabelecida com os sujeitos e a forma como o conhecimento é produzido nesse contexto. Os jovens participantes do estudo são produtores de linguagem (BAKHTIN, 2011), reconhecidos “como protagonistas ativos que se manifestam politicamente por intermédio de práticas e ações culturais que correspondem ao seu tempo” (MARTINS; COUTO JUNIOR, 2007, p. 2). Dessa forma, nos interessa perceber o quanto a comunicação dialógica vem mediando as relações humanas, produzindo sentidos culturais mediante o engajamento em processos de ensinar-aprender que emergem no decorrer das práticas sociais cotidianas entre pesquisador e sujeitos. A teoria enunciativa da linguagem bakhtiniana considera “a pesquisa como uma relação entre sujeitos, portanto numa pesquisa dialógica, Bakhtin assume a interação como essencial no estudo dos fenômenos humanos” (FREITAS, 2007, p. 28).

A abordagem histórico-cultural aqui adotada caminha numa linha de pensamento contrária àquela que “dá voz” aos sujeitos (COUTO JUNIOR; FERREIRA; OSWALD, 2017), pois consideramos que os participantes da pesquisa são expressivos e falantes (BAKHTIN, 2011) e, portanto, já estariam autorizados a falar. Pesquisar através dos conceitos de dialogismo e alteridade bakhtinianos “implica abrir mão de uma postura mecânica ou apriorística em relação ao conhecimento e implica também uma recusa ao agir inconsequente” (PEREIRA, 2015, p. 57). Isso significa que a relação com os jovens no decorrer do estudo não pode ser definida *a priori*, com cada interação entre pesquisador-sujeitos constituindo-se enquanto um acontecimento singular que possibilita

amplas oportunidades de ensinar-aprender. É nessa interação singular que a pesquisa de campo é desenvolvida com os sujeitos, parceiros de um trabalho que envolve muitas descobertas na medida em que colocamos em prática a comunicação dialógica (BAKHTIN, 2011).

No que se refere aos jovens participantes do estudo, foi adotada a estratégia de manter o primeiro nome dos sujeitos no texto escrito da pesquisa. Essa estratégia ética foi negociada com os jovens, que reconheceram a importância de legitimarem suas narrativas digitais, atribuindo-lhes participação ativa a um trabalho que foi desenvolvido mediante práticas colaborativas. Tendo a interlocução de Bakhtin no estudo, não caberia outra postura além de ouvi-los sobre o modo como gostariam de se apresentar. Pensar eticamente a pesquisa a partir do referencial bakhtiniano supõe considerar o caráter responsivo da pesquisa, pois cabe ao pesquisador a responsabilidade da escrita, de como o material empírico produzido durante o trabalho de campo é apresentado aos leitores e, sobretudo, de que modo as vozes dos sujeitos enredam-se na tessitura do conhecimento. Nesse sentido, entendemos que as escolhas dos sujeitos precisam ser consideradas como procedimentos metodológicos, apontem elas para nomes fictícios ou não. Assim, a posição assumida na relação desta pesquisa procurou manter as identidades dos jovens, coautores de todo o processo, de acordo com o desejo manifestado por eles.

CIDADE, LUGARES E MOBILIDADE

Para Certeau (1994) a cidade pode ser lida pelos espectadores e habitantes, que atuam nos “espaços praticados” e criam relatos sobre os lugares. Ao atuar nesses espaços, os jovens criaram narrativas imagéticas e verbais que foram compartilhadas, que conferiram sentidos aos lugares e possibilitaram apropriações. Diferentemente das mídias de massa (modelo comunicacional um x todos), as tecnologias digitais em rede (modelo comunicacional todos x todos) estão sendo convidativas no que diz respeito à participação dos jovens em dinâmicas colaborativas de ensinar-aprender. Conforme reitera Jenkins (2009), o cidadão na contemporaneidade, “que ganhou poder com as novas tecnologias e vem ocupando um espaço na intersecção entre os velhos e os novos meios de comunicação, está exigindo o direito de participar intimamente da cultura” (p. 53). Quais narrativas estão sendo produzidas e compartilhadas em/na rede pelos jovens? Qual a relação entre os dispositivos digitais móveis e a cidade no contexto das dinâmicas ciberculturais de aprender-ensinar?

Discorrendo sobre a dimensão espacial do cotidiano, Milton Santos (2008) aponta o lugar como “um cotidiano compartilhado entre as mais diversas pessoas, firmas, instituições” (p. 322). É o espaço de encontro, vida comum, cooperação e conflito. Ou ainda: “o lugar é o quadro de uma referência pragmática do mundo, do qual vêm solicitações e ordens precisas de ações condicionadas, mas é também o teatro insubstituível das paixões humanas” (p. 322). Essas considerações reforçam a ideia de lugar como palco de relações sociais.

Muitos autores concordam com a ideia de que o espaço é transformado em lugar, seja pela memória, pela produção de sentidos, pela identificação com aspectos ligados aos usos, pelo reconhecimento de uma experiência coletiva etc. O geógrafo Yi-fu Tuan (1983) entende que espaço e lugar não podem ser compreendidos separadamente e afirma que “o espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significado” (p. 151), tornando-se familiar. O autor aponta como características do lugar o valor que é atribuído a ele e o tempo, responsável pelas experiências vividas.

Ao considerar que os laços sociais construídos na comunicação estão baseados tanto em valores coletivos que fazem parte da memória quanto na experiência instantânea e emocionalmente vivida, Leite (2008) aponta que os espaços urbanos dotados de potência de comunicação digital poderiam ser entendidos como lugares emblemáticos ou lugares emocionalmente vividos. A concepção de lugar como espaço habitado, vivido ou construído, como apontam alguns autores (Heidegger, Lefebvre, Maffesoli, De Certeau), permite pensar de que forma as mídias constroem sentidos de lugar e nos indicam um caminho para entender os arranjos locativos que caracterizam as mediações das interfaces móveis. Silva e Couto (2015) reiteram que a cultura da mobilidade “viabiliza velocidades múltiplas de acesso, produção e difusão de saberes, articuladas em diferentes áreas do conhecimento. Ela pressupõe organizações também flexíveis dos saberes em constante transformações” (p. 136). A cultura da mobilidade traz, conseqüentemente, desafios para o campo da educação porque está diretamente relacionada à forma como interagimos com as informações através dos diferentes espaços-tempos. Neste contexto, cabe (re)pensar o papel do professor na cibercultura, mais especificamente, o papel que a escola vem desempenhando em tempos de “comunicação ubíqua” (SANTOS; ROSSINI, 2015, p. 75) ou, conforme Silva e Couto (2015), “em tempos de conexão constante” (p. 123).

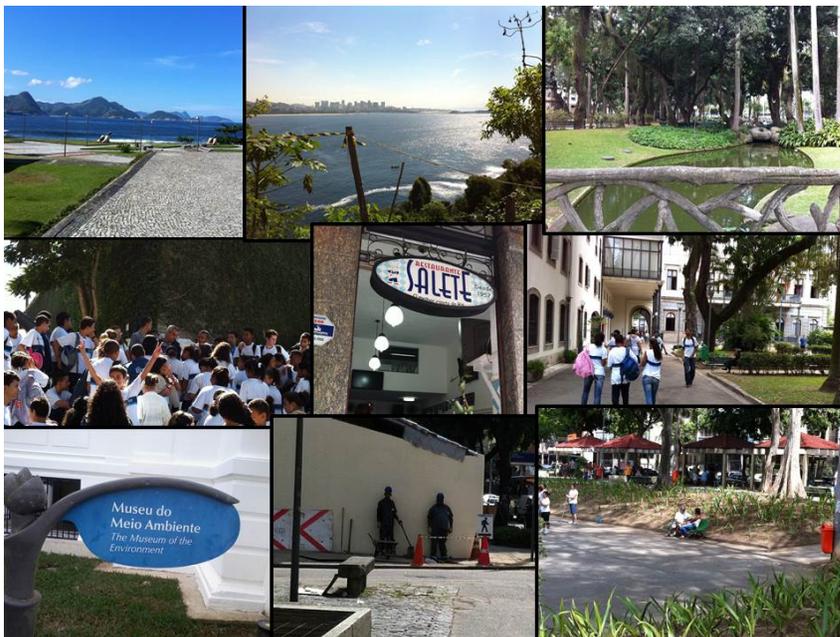
A ligação entre produção espacial e processos midiáticos, que pode ser verificada ao longo de toda a história da humanidade, torna-se ainda mais evidente com a introdução da computação móvel e ubíqua e suas interfaces, que altera os espaços, estabelecendo dinâmicas de des-re-territorialização (DELEUZE; GUATTARI, 2007a, 2007b). Nesse sentido, o conceito de território informacional, desenvolvido por Lemos (2007), está ligado a uma concepção identitária de território, “criando um ‘lugar informacional’ que se diferencia do espaço abstrato” (p. 129). De acordo com o autor, o território informacional se constitui como um lugar “dependente dos espaços físico e eletrônico a que ele se vincula” (LEMOS, 2007, p. 128), sendo configurado por atividades sociais que criam pertencimentos. A junção da mobilidade informacional com a mobilidade física redimensiona os lugares e, dessa forma,

Devemos definir os lugares, de agora em diante, como uma complexidade de dimensões físicas, simbólicas, econômicas, políticas, aliadas a bancos de dados eletrônicos, dispositivos, sensores sem fio, portáteis e eletrônicos, ativados a partir da localização e da movimentação do usuário. Essa nova territorialidade compõe, nos lugares, o território informacional (LEMOS, 2009, p. 33).

Em palestra proferida no Seminário Internacional “Cidades: Futuros Possíveis”⁵, Lemos (2010) levanta a questão de que quando discutimos o futuro das cidades normalmente nos reportamos a espaços abstratos, construídos por discursos turísticos, urbanísticos etc. tornando as cidades invisíveis. Nesse sentido deixamos também de pensar nos lugares, e para o autor, “a experiência na cidade são os lugares que assinamos”. Essa ideia de assinatura permite ver as articulações produzidas nas cidades, numa perspectiva que olha de baixo para cima.

Estar no local consumindo, produzindo e compartilhando informação constitui o ineditismo que o nosso tempo proporciona a partir dos usos realizados com as tecnologias telemáticas. Através dos recursos da informação e da telecomunicação, essas tecnologias nos possibilitam deixar rastros que indicam a estreita relação que estabelecemos com a cidade. As diversas mensagens e imagens produzidas pelos jovens sujeitos durante o estudo revelam pistas sobre essas assinaturas.

⁵ Realizado em 2010, na Casa da Ciência da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).



Imagens produzidas pelos participantes das oficinas em atividades realizadas fora da escola.

Fonte: Arquivo da pesquisa

Os incontáveis rastros deixados pelos sujeitos nas cidades evidenciam uma dinâmica sociocultural mediada pelo digital em rede, conforme destacam Santos, Ribeiro e Santos (2018) ao refletirem sobre a popularização dos dispositivos móveis: “para navegar de um ponto a outro das redes informacionais, nas quais se entra e se sai para múltiplos destinos, YouTube, *sites*, *blogs*, páginas etc., o usuário também pode estar em movimento. O acesso passa a se dar a qualquer momento e em qualquer lugar” (p. 54, grifos nossos). O parquinho, a feira, os mendigos, a obra, o museu, o jardim, a praça, e todos os outros pontos flagrados pelos alunos em nossas andanças pelas ruas trazem a marca do lugar através de suas narrativas. Essas narrativas são colocadas em movimento a partir das redes. De acordo com John Urry (2011), “as pessoas criam narrativas de seus movimentos, que são postadas, e outras pessoas respondem a elas” (p. 206). Foram essas dinâmicas que aconteceram durante o estudo e culminaram na oficina de crônicas.

Os celulares e suas câmeras permitiram aos jovens o olhar de *flâneur* que revela a cidade e seus “lugares” a partir das redes de diversos elementos construídas nessas passagens e elaboraram outros textos sobre a cidade, escritos com signos da linguagem hipermídia, trazendo novas possibilidades de construções sociais, pedindo também outras abordagens para seu entendimento. A conexão em mobilidade permitiu a comunicação, o compartilhamento e também a aprendizagem contínua, fora dos espaços-tempos escolares. Discutindo a relação do jovem com as tecnologias digitais, Ferreira e Oswald (2009) ressaltam que este “encontra na linguagem multimídia do computador seu segundo idioma e transita por ‘janelas’ e ‘telas’ com uma desenvoltura que [geralmente,] não é aprendida nem exercitada nos bancos escolares, mas construída nesses espaços dominados pelos códigos digitais” (p. 129). Afinal, como promover maiores diálogos entre a escola e as dinâmicas sociais mediadas pelo digital em rede amplamente vivenciadas cotidianamente pelos jovens internautas? Se a instituição educacional é um espaço de produção de cultura, não podemos, enquanto profissionais do campo da educação, defender que o acesso às linguagens digitais na escola seja negado aos jovens.

A hibridação de linguagens associada à mobilidade ubíqua produz rearranjos urbanos que incidem sobre as formas de socialização dos sujeitos, sobre suas subjetividades e processos cognitivos. Os pontos de conexão e os usos de celulares do tipo *smartphone* pelos sujeitos em seus deslocamentos pela cidade caracterizam uma nova apropriação do espaço urbano, redefinindo as dinâmicas e a própria noção de espaços públicos e privados, reconfigurando nossa relação com a cidade. Concordamos com Sposito (2008), que discorre sobre a importância de que sejam assegurados os direitos das juventudes de usufruir das condições de vida da polis, e isso inclui o acesso aos diferentes bens culturais nos quais as tecnologias digitais se inserem. Oferecer o acesso às juventudes às dinâmicas comunicacionais móveis significa potencializar a participação dos jovens a novos processos de sociabilidade que vêm sendo cada vez mais mediados pelas redes sociais digitais.

Uma nova arquitetura formada por fluxos de informações indica a produção de lugares e o caráter locativo das mídias móveis ubíquas, que produzem novas territorializações, facilitando nossas “assinaturas” pelos lugares. Em nosso passeio até a Praça Afonso Pena, localizada no bairro da Tijuca - Rio de Janeiro, um dos alunos vai guiando um grupo de alunos pelo GPS do celular e registrando nossa passagem pelos lugares, transformando a experiência de transitar pela cidade, gerando um novo sentido de uso do espaço. Nesse contexto, com as mudanças tecnológicas de nosso tempo cabe refletirmos sobre

como “os jovens estariam produzindo formas de enfrentamento e alternativas de como relacionar-se com os outros” (SCHWERTNER; FISCHER, 2012, p. 400).

Outra possibilidade de estabelecer marcas do ciberespaço no espaço urbano são os QRcodes, inscrições gráficas que funcionam como códigos de barra e reúnem informações que podem ser acessadas utilizando-se o aparelho celular por meio de escaneamento a partir da câmera fotográfica. Em nossa experiência com a produção de informação sobre a escola e arredores, que poderia ser acessada através dos códigos, ficou clara a intervenção no espaço tanto quanto a dimensão de resgate da memória social e ação política inscrita no resgate da história da escola e do bairro. A relação teoria-empíria durante o estudo evidenciou a relação entre a construção social do espaço e a mediação tecnológica, indicando que as mídias produzem e reforçam sentidos de lugar, transformam o espaço e possibilitam aprendizagens múltiplas em diferentes espaços-tempos.



Aluno testando o acesso, pelo QRCode, ao blog onde as matérias foram publicadas.

Fonte: Arquivo da pesquisa

NARRATIVAS CONFERINDO SENTIDOS AOS ESPAÇOS: A OFICINA DE CRÔNICAS



*Senhor, eu quero andar na Rua do Catete,
Senhor Guarda, Senhor Doutor, Senhor Deus,
Senhor Quem Quer Que Sejais.
Eu quero andar na Rua do Catete.
Daqui onde estou não posso ir lá,
Entretanto, são seis e meia da tarde
É absurdo não estar na Rua do Catete às seis e meia hora da tarde.
Tenho uma entrevista às seis e meia.
Um encontro sério.
Não na Rua do Catete: com a Rua do Catete.*

Rubem Braga⁶

Esse foi o início de nossa jornada na oficina de crônicas na cidade do Rio de Janeiro. A partir das palavras de Rubem Braga começamos a pensar no encontro com as ruas. Iniciamos com a Rua do Catete, que não era familiar aos alunos, mas que os versos traziam para o nosso convívio. Tínhamos, então, um encontro com a Rua do Catete. E lá fomos nós para esse encontro com o presente e com o passado (e também com o futuro!), andando pelas ruas, transportados pelos trens do metrô, conhecendo seu mais ilustre prédio, o Palácio do Catete. A história, apresentada aos saltos, como na concepção de Benjamin, passou a fazer parte da experiência de alunos e professores, e assim aquela parte da cidade passou a ser a cidade de todos nós.

⁶ BRAGA, 1993.



A fachada do Palácio do Catete, com suas águias na fachada

Fonte: Arquivo da pesquisa

O intuito da oficina “cronistas da cidade” era criar oportunidades para que os alunos olhassem para a sua cidade, ressignificando os lugares onde vivem e pelos quais transitam, criando crônicas multimidiáticas com a mediação dos dispositivos ubíquos. Dessa forma, incluímos em nossos roteiros pessoais os lugares que compartilhamos nas aulas fora da escola e também convidamos os jovens a compartilharem os lugares que fazem parte de suas experiências individuais. Além do Palácio do Catete, no bairro de mesmo nome, estivemos na Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (ALERJ), no Centro do Rio, e andamos no entorno da escola, por mais de uma vez, indo também até a Praça Afonso Pena, na Tijuca. O trajeto de ônibus, a casa, o quintal, o passeio de domingo, foram alguns dos momentos eleitos pelos alunos para suas narrativas. Abaixo, uma imagem produzida pela jovem Sara do sétimo ano do Ensino Fundamental:



Imagem feita por Sara em nossa visita ao Museu da República

Fonte: Arquivo da pesquisa

“Aqui alguém sentado fez uma reunião, ou até mesmo fez propostas. Talvez tenham brigado”, inicia Sara em sua crônica, adivinhando um tempo que não viveu, mas que pode ser recomposto pelos objetos, pelo conhecimento, pela imaginação e por sua narrativa. Kramer e Jobim e Souza (2003), discorrendo sobre alunos e professores como sujeitos históricos, questionam sobre uma linguagem esvaziada de história que é praticada nas escolas, observando que se torna imprescindível reconhecê-la como expressão viva de experiências sociais que articulem presente e passado. As autoras apoiam-se em Benjamin para apontar que “a tarefa da humanidade é a de restaurar o sentido da narrativa, no qual a linguagem não mais se esgote nos clichês de uma língua morta” (p. 15), tornando experiência e memória comunicáveis. E, nesse sentido, questionam: “Como recuperar [professores e alunos] a capacidade de deixar rastros? Ou seja, de deixar marcas? Ou ainda, de serem autores? Como ver em cada qual, adulto ou criança, sua história? Como ler em cada objeto a sua história?” (p. 16)

As narrativas construídas na cidade pelos jovens em seus trajetos, transitando por territórios informacionais, procurando seus lugares na urbe, com as mediações de seus dispositivos, de seus olhares e culturas, ajudaram a

reposicionar a linguagem como “narrativa de experiências vivas”, constituídas na tensão entre o singular e o universal, revisitando a história no fazer cotidiano. Não seria essa, hoje, uma maneira possível de deixar rastros, marcas? De instituir alunos e professores como autores de suas histórias?

As publicações de Luanderson e de Nathália a seguir sobre vendedores ambulantes evocam a “alma encantadora” de uma cidade que, mesmo já tendo perdido um pouco o encanto de suas ruas, continua podendo ser descrita por seus pequenos mistérios, suas misérias e tesouros. São detalhes captados pelas lentes de celulares e compartilhados pelo acesso às redes sociais digitais.

Luanderson

vendedores ambulantes vendendo roupas pelas ruas da tijuca.



 Curtir (desfazer) · Comentar · Seguir publicação · Quarta às 08:11 via celular

Nathália

Vejo ambulantes, pessoas que ganham a vida vendendo besteirinhas, besteirinhas que alegam a vida de muitas outras pessoas. Vendem vários tipos de coisas; se estiver com sede, logo na esquina tem algum ambulante vendendo água de coco; se estiver precisando de doce, logo na esquina tem alguma barraquinha de balas para você comprar. Eles estão em todos os lugares, não precisa nem procurar, que os irá encontrar.

[Curtir \(desfazer\)](#) · [Comentar](#) · [Seguir publicação](#) · 8 de novembro às 09:25

Publicações de alunos como atividades da oficina *Cronistas da Cidade*

Fonte: Arquivo da pesquisa

A cidade é o que vemos dela e os lugares que nela habitamos, mesmo que provisoriamente. As molduras físicas e virtuais nos conferem olhares próprios e singulares e os sentidos criados a partir de nossa experiência desenha uma cartografia que se move a cada novo evento. Foi também intenção desse estudo enxergar essas cidades que os olhos juvenis captam e revelam, e entender as mediações que a contemporaneidade oferece para a constituição desses olhares, considerando que a atenção a eles pode contribuir para pensar a escola como lugar de sentido. Caminhando com essa linha de pensamento, Jobim e Souza (2002), afirmam que “a produção do conhecimento hoje não dispensa a nossa capacidade de dialogar com os aparatos tecnológicos, incentivando as pessoas a construir, com eles, novas possibilidades de usos, submetendo as máquinas ao nosso poder e desejo” (p. 77).

Apesar de morarem no Rio de Janeiro, muitos daqueles que participaram do estudo nunca tinham ido à Urca, ao Jardim Botânico, ao Catete e talvez nem mesmo ao Centro ou circulado por alguns espaços próximos da escola e, portanto, aqueles não eram ainda lugares na sua cidade. Somente a partir da experiência vivida, quando eles “assinaram” sua passagem e “carregaram” os lugares consigo através de imagens, das marcas de geolocalização em seus dispositivos, da memória, do conhecimento adquirido, dos olhares registrados, da sensibilidade e afetividade aguçada, estes passam a fazer parte de seus mapas e roteiros, lembrando a ideia de lugares emocionalmente vividos.

Na obra de Benjamin vários textos são dedicados a representar a cidade como espaço de experiência sensorial e intelectual. Ao unir escrita e cidade, a metrópole moderna é apresentada por Benjamin como “uma aglomeração de

textos: placas de trânsito, outdoors, sinais, letreiros, tabuletas, informações, anúncios, cartazes, folhetos, manchetes, luminosos – uma gigantesca constelação de escrita” (BOLLE, 2000, p. 273). De acordo com Bolle, o conflito com essa “escrita da cidade”, na visão de Benjamin, deve ser encarado também como possibilidade de estar aberto às novas modalidades. “Benjamin tenta imaginar como seria a poética do futuro. Tecnicamente falando, suas especulações sobre a ‘escrita imagética’ e a ‘escrita de trânsito universal’ foram respondidas pelo desenvolvimento recente das escritas eletrônicas” (p. 276), com a ressalva de que essa nova poética não pode renunciar as experiências do passado.

Que novas escritas poderíamos pensar hoje mediadas por outros instrumentos e outros olhares, outros arranjos? “Perder-se numa cidade, como alguém se perde numa floresta, requer instrução”, observa Benjamin (1995, p. 73), nos remete tanto à ideia de “viver a cidade como experiência” como à de “aprendizagem como experiência”. Aprender na cidade pode representar a ideia de aprender continuamente, sem espaços delimitados e tempos aprisionados, como de fato ocorre na vida cotidiana. E se tornássemos esse o nosso modo “oficial” de aprender, sem as amarras que os espaços-tempos escolares nos impõem? Não é o rompimento com as instituições e estruturas sociais que propomos. Muito mais simples que isso, é a inserção de práticas que já estão cotidianamente “coladas” aos modos de ser e de aprender dos jovens na contemporaneidade.

Na dinâmicas ciberculturais, a presença dos dispositivos digitais móveis apresenta outros modos de se relacionar com a cidade, com o conhecimento, com o prazer, com o espaço e o tempo, como aparece nas falas dos jovens participantes do estudo referindo-se ao uso dos aparelhos celulares conectados:

Nathália - *qualquer hora que você precisar, estiver em qualquer lugar e você precisar entrar na internet você pode!*

Luanderson – *tem mapa também!*

Nathália - *é, tem mapa! E se você precisar saber o significado de alguma palavra que você viu, pesquisar alguma coisa que você viu na rua...*

Luanderson – *é um mini computador no bolso!*

Nathália – *exatamente!*

Nathália – *tem como você se divertir também. Tá lá dentro do ônibus, sem nenhum livro pra ler. Se você tiver esse celular, você tem como jogar, se divertir...*

Se o computador representa hoje o acesso à informação, ao conhecimento e ao divertimento, ter um “mini computador de bolso” (que não é “mini” na potência) adquire um valor simbólico e real em nossa sociedade, podendo significar a inserção em uma zona de possibilidades sociais assim como o aumento no interesse para o aprendizado. Nesse contexto, o depoimento da professora Sílvia dimensiona a experiência que vivenciamos com os alunos dentro e fora da escola, durante as oficinas:

Quando você traz pra sala de aula a tecnologia, o aluno se motiva, ele é mais criativo... ainda mais esse trabalho, que a gente sai da escola, a gente visita.. tem várias atividades culturais. Nós saímos, fomos à rua... então o aluno.. ele nem conhecia o bairro e passou a conhecer! Ele nem conhecia o entorno, não conhece nem sua própria escola, não sabe o espaço da sua própria escola! Ele começou a conhecer. E você vê, quando os alunos desceram pra fotografar, o grafite da escola, eles falaram “nossa, eu não tinha percebido esse grafite aqui”, “olha esse detalhe”, “olha aqui o bairro”, “a história dessa igreja”, “a história das estátuas”. Eles pesquisavam. Então, tudo contribuiu para o lado criativo. O meu foco é língua portuguesa, mas eu pude observar que eles conseguiram aliar a questão da imagem com a escrita, eles conseguiram trazer informações da pesquisa que eles fizeram também em casa... eles escreveram e criaram.

Os passeios promovidos pela escola, a relação com a cidade e a produção de conteúdo compartilhado na internet trouxeram, para os jovens pesquisados, uma motivação e um sentido para seus estudos. Recorremos a Bakhtin (1976) para ressaltar o entrelaçamento entre essas instâncias e lembrar que não se aprende nem se ensina em ações desvinculadas da experiência sensorial e estética da vida.

ROMPENDO AS BARREIRAS ESPAÇO-TEMPORAIS NOS PROCESSOS DE APRENDER-ENSINAR: CONSIDERAÇÕES (IN)CONCLUSIVAS

O uso dos aparelhos celulares pode representar mais uma quebra nas já abaladas estruturas espaço-temporais das instituições educacionais. De acordo com Thiesen (2011), seguimos ainda uma estrutura herdada tanto das tradições jesuítas de orientação medieval como as do pensamento positivista que no

final do século XIX passou a pautar os currículos brasileiros. Nesse sentido, comumente podemos observar em diversos cotidianos escolares o quanto as organizações espaço-temporais apresentam uma rígida organização de classes e horários, com as fragmentações por disciplinas e tempos recortados, padronização de métodos pedagógicos, agrupamento de alunos por faixa etária, além de espaços fixos (por turma ou até mesmo para cada aluno na sala de aula).

Na escola, a ordem do aprendizado é quase sempre igual e não difere de ano para ano. Há um roteiro previamente produzido a ser seguido independente dos sujeitos que irão protagonizar cada história. Por outro lado, fora da escola, os jovens estão cada vez mais se exercitando nas construções de saberes motivados por seus próprios interesses, por exploração, a partir de conhecimentos que podem ser acessados a qualquer hora e de qualquer lugar, sobre temas que lhes instigam e sobre os quais efetivamente constroem significados. Nesse contexto, cabe destacarmos que “a quantidade de jovens que vêm constituindo novas sociabilidades através de maneiras híbridas de relacionar-se no virtual, é um indicativo de mudanças culturais que merecem um olhar mais cuidadoso” (ROSA; FERREIRA; OSWALD, 2010, p. 223).

Quando indagada sobre a diferença que havia entre as atividades propostas nas oficinas com o uso de dispositivos móveis e aquelas desenvolvidas cotidianamente em sala de aula, a estudante Stephanie respondeu que nas oficinas “*dá muito mais vontade de fazer!!!*”. E logo foi mostrando as inúmeras imagens que estavam na memória do seu celular, como atividade relacionada ao tema “Arte nas ruas”, proposta durante o trabalho de campo realizado na semana anterior. Ela havia publicado algumas imagens em sua página pessoal do Facebook e quando lhe foi perguntada sobre o motivo pelo qual ela não as havia colocado na página do grupo criado nesta rede social pelos alunos (como era costume), ela respondeu com outra pergunta: “*qual a diferença?*”. A diferença que não lhe ocorreu foi o fato de que aqueles alunos que não faziam parte de sua relação de amizade não iriam visualizar as imagens. Porém, ao mesmo tempo, o pensamento de Stephanie dá pistas para refletirmos que “não fazer diferença” pode ser um indício de como acontecem as construções de conhecimento nos novos arranjos espaço-temporais. Nesse caso, é possível entender a mistura de tempos e espaços. Em primeiro lugar, a atividade havia sido proposta utilizando-se como canais de comunicação as redes sociais e mensagens de texto pelo celular, fora do tempo de aula e do espaço escolar. Entretanto, foi divulgada na página “oficial” do grupo da escola, e a atividade era demandada, a partir de uma intenção pedagógica, pela pesquisadora que



assumia naquele contexto o papel de professora. Mesmo assim, a jovem divulga suas produções em tempo real, fora da escola, em sua página pessoal. Os espaços-tempos de aula, de trabalho, de estudo, de lazer se (con)fundem, trazendo uma realidade até então desconhecida para professores e alunos.

Os autores com quem buscamos dialogar nesse estudo nos ajudam a refletir que a imersão de jovens na cibercultura lhes traz modos de perceber e lidar com o tempo e o espaço. Ao conferirmos a esses jovens novas expectativas de liberdade e flexibilidade em relação ao momento e ao local das práticas de aprendizagem, passamos a reconhecê-los como protagonistas ativos que demandam organizações espaço-temporais para além daquelas que tradicionalmente vêm sendo oferecidas pela educação escolar. Caminhamos com o pensamento de Carrano (2000), para quem “um desafio que se apresenta para o campo da educação é o de conseguir os necessários ‘vistos’ e ‘passaportes’ para a viagem que é dialogar e mesmo compartilhar dos sentidos culturais que são elaborados nas múltiplas redes sociais da juventude” (p. 26). Dessa forma, um desses “vistos” e “passaportes” poderia se constituir hoje através do intercâmbio de experiências entre jovens e seus professores através da participação em práticas sociais ciberculturais.

A utilização das tecnologias móveis e ubíquas poderia ajudar a superar o mal estar dos jovens estudantes com as rotinas da escola, que incluem a gestão das formas de organização dos espaços e dos tempos da aprendizagem. Precisamos, então, continuar indagando, pesquisando e refletindo sobre as apropriações pertinentes das tecnologias móveis e ubíquas pelo campo da Educação nos processos de aprender-ensinar. De forma (in)conclusiva, fazemos nossas as palavras de Pretto e Bonilla (2008), que destacam a importância do papel da cibercultura na criação de “um espaço de formação pautado em lógicas não-lineares, na aprendizagem colaborativa, na interatividade, na multivocalidade, nas dinâmicas das redes. Um espaço vivo de criação, de produção, de comunicação e, portanto, um espaço de cultura[s]” (p. 86).

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. Trad. Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, Mikhail. (Volochinov). Discurso na vida e discurso na arte . In: *Freudianism: a marxist critique*. New York: Academic Press, 1976 (trad. Cristóvão Tezza, para uso didático).

BENJAMIN, Walter. Obras Escolhidas II: Rua de Mão Única. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

BOLLE, Willi. Fisiognomia da metrópole moderna: representação da história em Walter Benjamin. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2000.

BOURDIN, Alain. A Questão local. Trad. Orlando Reis. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

BRAGA, Rubem. Livro de versos. Ilustrações de Jaguar e Scliar. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1993.

CARRANO, Paulo. Juventudes: as identidades são múltiplas. *Movimento*, Niterói, n. 1, p. 11-27, maio 2000.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano, 1: artes de fazer. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro; FERREIRA, Helenice Mirabelli Cassino; OSWALD, Maria Luiza Magalhães Bastos. Compartilhando experiências sobre o “armário”: as conversas online como procedimento metodológico da pesquisa histórico-cultural na cibercultura. *Revista Interface Científica - Educação*, Aracaju, v. 6, n. 1, p. 23-34, out. 2017.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia, v. 3. Trad. Aurélio Guerra, Ana Lucia de Oliveira, Lúcia Claudia Leão e Suely Rolnik. São Paulo: Ed 34, 2007a.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia, v. 2. Trad. Aurélio Guerra, Ana Lucia de Oliveira, Lúcia Claudia Leão e Suely Rolnik. São Paulo: Ed 34, 2007b.

FERREIRA, Helenice Mirabelli Cassino; OSWALD, Maria Luiza Magalhães Bastos. Jovens e ambientes virtuais: “no game, você tem milhões de vidas, você pode começar do zero, você pode simplesmente apagar e começar tudo de novo, na vida não rola”. In: *PASSOS, Mailsa Carla Pinto Passos; PEREIRA,*

Rita Ribes (Orgs.). *Identidade, diversidade: práticas culturais em pesquisa*. Rio de Janeiro: FAPERJ/DP et alii, 2009, p. 129-141.



FREITAS, Maria Teresa de Assunção. A perspectiva sócio-histórica: uma visão humana da construção do conhecimento. In: FREITAS, Maria Teresa de Assunção; JOBIM E SOUZA, Solange; KRAMER, Sonia (Orgs.). *Ciências humanas e pesquisa: leituras de Mikhail Bakhtin*. São Paulo: Cortez, 2007, p. 26-38.

JENKINS, Henry. *Cultura da convergência*. Trad. Suzana Alexandria. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

JOBIM E SOUZA, Solange. O olho e a câmera: desafios para a educação na época da interatividade virtual. *Revista Advir*, Rio de Janeiro, n. 15, p. 75-81, set. 2002.

KRAMER, Sonia; JOBIM E SOUZA, Solange. Experiência humana, história de vida e pesquisa: um estudo da narrativa, leitura e escrita de professores. In: KRAMER, Sonia; JOBIM E SOUZA, Solange (Orgs.). *Histórias de professores: leitura, escrita e pesquisa em educação*. São Paulo: Ática, 2003.

LEITE, Julieta. A Ubiquidade da informação digital no espaço urbano. *Logos*, Rio de Janeiro, v. 29, p. 104-116, 2008.

LEMOS, André. Cidade e mobilidade: telefones celulares, funções pós-massivas e territórios informacionais. *Matrizes*, São Paulo, v. 1, n.1, p. 121-137, 2007.

LEMOS, André. Cultura da mobilidade. *Revista FAMECOS*, Porto Alegre, n. 40, p. 28-35, dez. 2009.

LEMOS, André. Cidade remixada: por uma nova geopolítica cultural do espaço urbano. Palestra proferida no Seminário Internacional Cidades: futuros possíveis. Casa da Ciência / UFRJ, set. 2010.

MARTINS, Daniele Muniz; COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro. Jovens jogadores de videogames e produção de sentidos: contribuições para se pensar práticas educativas alteritárias. In: REUNIÃO ANUAL INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO: PESQUISA E COMPROMISSO SOCIAL, 30., 2007, Caxambu. Anais... Timbaúba: Espaço Livre, 2007. p. 1-6.

PEREIRA, Rita Marisa Ribes. Por uma ética da responsividade: exposição de princípios para a pesquisa com crianças. *Currículo Sem Fronteiras*, v. 15, n. 1, p. 50-64, jan./abr. 2015.

PRETTO, Nelson De Luca; BONILLA, Maria Helena Silveira. Construindo redes colaborativas para a educação. *Fonte*, Belo Horizonte, p. 83-87, dez. 2008.

ROSA, Ana Carolina Pereira da Silva; FERREIRA, Helenice Mirabelli Cassino; OSWALD, Maria Luiza Magalhães Bastos. Práticas culturais juvenis: máscaras contemporâneas. *Revista da FAEEDBA*, Salvador, v. 19, n. 33, p. 215-227, jan./jun. 2010.

SANTOS, Edméa; RIBEIRO, Mayra Rodrigues Fernandes; SANTOS, Rosemary. A educação on-line como dispositivo de pesquisa-formação na cibercultura. *Revista Diálogo Educacional*, Curitiba, v. 18, n. 56, p. 36-60, jan./mar. 2018.

SANTOS, Edméa; ROSSINI, Tatiana Stofella Sodré. Design interativo aberto: uma proposta metodológica para a forma o de professores-autores na cibercultura. In: PORTO, Cristiane; SANTOS, Edméa; OSWALD, Maria Luiza Magalhães Bastos; COUTO, Edvaldo Souza (Orgs.). *Pesquisa e mobilidade na cibercultura: itinerâncias docentes*. Salvador: EDUFBA, 2015, p. 65-82.

SANTOS, Milton. *A Natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emo o*. 4. ed. São Paulo: EdUSP, 2008.

SCHWERTNER, Suzana Feldens; FISCHER, Rosa Maria Bueno. Juventudes, conectividades múltiplas e novas temporalidades. *Educa o em Revista*, Belo Horizonte, v. 28, n. 1, p. 395-420, mar. 2012.

SILVA, Ana Elisa Drummond Celestino; COUTO, Edvaldo Souza. Cultura da mobilidade: rela es de professores com o smartphone. In: PORTO, Cristiane; SANTOS, Edméa; OSWALD, Maria Luiza Magalhães Bastos; COUTO, Edvaldo Souza (Orgs.). *Pesquisa e mobilidade na cibercultura: itinerâncias docentes*. Salvador: EDUFBA, 2015, p. 121-138.

SPOSITO, Marília Pontes. Juventude e Educação: interações entre educação escolar e a educação não-formal. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 33, n. 2, p. 83-97, jul./dez. 2008.

THIESEN, Juarez da Silva. Tempos e espaços na organização curricular: uma reflexão sobre a dinâmica dos processos escolares. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 27, n. 1, abr. 2011.

TUAN, Yi-fu. Espaço e lugar: a perspectiva da experiência. Trad. Lúvia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.

URRY, John. Entrevista concedida a Bianca Freire-Medeiros e Sérgio Carvalho Benício de Mello. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 47, p. 203-218, jun. 2011.

Recebido em 29 de junho de 2018.

Aprovado em 21 de agosto de 2018.